

**Caminhando: aproximações das noções de Transdisciplinaridade e da Clínica
Psicoterápica Daseinsanalítica (*Daseinsanalyse*)**

**Walking: approximations of the notions of Transdisciplinarity and Daseinsanalytical
Clinical Psychotherapy (*Daseinsanalyse*)**

**Caminata: aproximaciones a las nociones de transdisciplinarietàad y la clínica de
psicoterapia Daseinsanalytic (*Daseinsanalyse*)**

Recebido: 26/01/2020 | Revisado: 05/02/2020 | Aceito: 14/03/2020 | Publicado: 20/03/2020

Ágnes Cristina da Silva Pala

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3158-4702>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: agnespala@gmail.com

Rose Mary da Costa Rosa Andrade Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4310-8711>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: roserosauff@gmail.com

Eliane Ramos Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6381-3979>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: elianeramos.uff@gmail.com

Resumo

O artigo apresenta aproximações de pilares e traços da Transdisciplinaridade – terceiro incluído, complexidade, níveis de realidade, rigor, abertura e tolerância – com noções fenomenológicas de Martin Heidegger – cuidado, angústia, existência, abertura e fechamento de sentidos –, possibilitando contribuições para a Clínica Psicoterápica Daseinsanalítica ou *Daseinsanalyse*. Nesta prática clínica, não há redução da pessoa em corpo, mente ou sintomatologia; tendo o adoecimento uma correlação com o seu modo-de-ser e de estar no mundo. Através de pesquisa bibliográfica, “Caminhando” aborda a possibilidade de um olhar transdisciplinar em conjunto com a *Daseinsanalyse*, ampliando a compreensão da prática psicoterápica enquanto modo privilegiado de cuidado com a existência humana.

Palavras-chave: Psicoterapia; *Daseinsanalyse*; Fenomenologia; Transdisciplinaridade.

Abstract

The article aim approximations of pillars and features of Transdisciplinarity – third included, complexity, levels of reality, rigor, opening and tolerance – with Martin Heidegger’s phenomenologic notions – care, anguish, existence, opening and closing of sense – like possibilities of contributions for Daseinsanalytic Psychotherapeutic Clinical or Daseinsanalyse. In this clinical practice, there is no reduction of person in body, mind or diagnostic; the illness has a correlation with patient’s being in the world. Through a bibliographical research methodology, "Walking" broach the possibility of a transdisciplinary consider whole Daseinsanalyse, broadening the psychotherapeutic practice comprehension while privileged mode of care with human existence.

Keywords: Psychotherapy; Daseinsanalyse; Phenomenology; Transdisciplinarity.

Resumen

El artículo presenta aproximaciones de pilares y rasgos de transdisciplinarietà, incluidos terceros, complejidad, niveles de realidad, rigor, apertura y tolerancia, con nociones fenomenológicas de Martin Heidegger (cuidado, angustia, existencia, apertura y cierre de significados), lo que permite contribuciones a la Clínica Psicoterápica Daseinsanalítica o Daseinsanalyse. En esta práctica clínica, no hay reducción de la persona en cuerpo, mente o síntomas; la enfermedad tiene una correlación con su forma de ser y estar en el mundo. A través de la investigación bibliográfica, "Caminhando" aborda la posibilidad de una mirada transdisciplinaria junto con Daseinsanalyse, ampliando la comprensión de la práctica psicoterapéutica como una forma privilegiada de cuidar la existencia humana.

Palabras clave: Psicoterapia; Daseinsanalyse; Fenomenología; Transdisciplinarietà

1. Introdução

O desafio da aproximação da Transdisciplinarietà e da Clínica Psicoterápica Daseinsanalítica construíram este ‘Caminhando’. Por acreditar que um caminho só é feito à medida que se anda, “Caminhando” sai do postulado de gerúndio e, toma o lugar de substantivo-em-ação. Caminhando é constituído por três caminhos: uma apresentação breve da Transdisciplinarietà e da Clínica psicoterápica; aproximação de algumas noções e; uma meditação sobre estes caminhos.

2. Metodologia

A metodologia de pesquisa é o conjunto de métodos utilizados para a condução da investigação do objeto de estudo escolhido pelo pesquisador. O presente artigo propõe a aproximação de conceitos da Transdisciplinaridade com noções da Clínica Psicoterápica Fenomenológica, também conhecida como *Daseinsanalyse*. Esta aproximação é realizada através de pesquisa qualitativa que “busca uma compreensão particular daquilo que estuda” (Martins e Bicudo, 1989, p.23), com pesquisa bibliográfica definida por “uma coleta de material disponível e já existente, o qual pode ser selecionado a partir de livros, de revistas, de periódicos especializados e de documentos diversos” (Bastos, 2009, p.51).

3. Revisão de Literatura

Caminho 1: Conhecendo a Transdisciplinaridade e a Clínica Psicoterápica Daseinsanalítica ou Daseinsanalyse

O vocábulo Transdisciplinaridade pode ser decomposto em prefixo *trans-*; raiz *disciplina* e; sufixo *-dade*. Em dicionários de Latim, encontra-se, respectivamente: *Trans-*; *Disciplina*, *Disciplinae*, *Discipline*. Por ser de origem grega, o sufixo *-dade*, consultar-se-á o dicionário da língua portuguesa: “-(i)dade: (suf.) formador de substantivos a partir de adjetivos = ‘qualidade’; ‘caráter’; ‘atributo’; ‘admiração’, ‘apreço’, ‘amor’.” (Ferreira, 1999, p. 1070.)

O prefixo *Trans-* possui significados de “além de; para lá de” (Pequeno Dicionário Latino-Português, 1955. p. 207). E na intenção de instigar o estudo sobre a Transdisciplinaridade, observar-se-á os significados de *transgressio* “passagem, travessia; transição (de um ponto a outro no discurso).” (Koehler, 1957. p. 865) “*Trans-*: (pref.), movimento para além de; através de; posição para além de; posição ou movimento de través; intensidade. (Equiv.: *tra-*, *trás-*, *três-* *tr(a)*). Alternam-se às vezes entre si: *transbordar*, *traspasar*.” (Ferreira, 1999, p. 1985)

Para a raiz *disciplina*, em latim *disciplina*, *disciplinae*, encontra-se os significados “instrução, ensino; ciência; disciplina; seita; doutrina, sistema.” (Pequeno Dicionário Latino-Português, 1955, p.63) e,

regime de ordem imposta ou livremente consentida. Observância de preceitos ou normas. Submissão a um regulamento. Qualquer ramo do

conhecimento (artístico, científico, histórico, etc)... Disciplinar: (vtd) sujeitar ou submeter à disciplina. Fazer obedecer ou ceder; acomodar, sujeitar; corrigir. (Ferreira, 1999, p. 689)

Além da disciplina; para além do ensino, da ordem e modo de viver. Transgressão de paradigmas. Além do regulamento, da regra; maneira / modo de ser além da regra, transgressão à submissão. Movimento para além da ordem; movimento através da observação de preceitos; movimento para além da acomodação. Transdisciplinaridade: além, para além da disciplina, da ordem, das regras ?

O filósofo e educador brasileiro Hilton Japiassu (1934-2015) traz um estudo do termo Interdisciplinaridade e da diferença com os termos Multidisciplinaridade e Pluridisciplinaridade. Mas, o que está sendo definido como Disciplinaridade ?

exploração científica especializada de determinado domínio homogêneo de estudo, isto é, o conjunto sistemático e organizado de conhecimentos que apresentam características próprias nos planos do ensino, da formação dos métodos e das matérias; esta exploração consiste em fazer surgir novos conhecimentos que se substituem aos antigos. (Japiassu, 1976, p.72)

É perceptível a importância da Disciplinaridade para a construção de novos saberes.

Quanto à Interdisciplinaridade, Japiassu (1976) a caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa. Já a Multidisciplinaridade é a proposta de estudo de “um objeto sob diferentes ângulos, mas sem que tenha necessariamente havido um acordo prévio sobre os métodos a seguir ou sobre os conceitos a serem utilizados.” (Japiassu, 1976, p. 73) Pluridisciplinaridade, segundo o autor, vem a ser a justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas. Sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; cooperação, mas sem coordenação.

Japiassu traz a contribuição de Piaget (1972, citado por Japiassu, 1976, p. 75), numa tentativa de definição da Transdisciplinaridade.

Enfim, à etapa das relações interdisciplinares, podemos esperar que se suceda uma etapa superior, que não se contentaria em atingir interações ou reciprocidade entre pesquisas especializadas, mas que

situaria essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estabelecidas entre as disciplinas.

Jantsch (1972, citado por Japiassu, 1976, p. 74) define a Transdisciplinaridade como “coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral. Sistema de níveis e objetivos múltiplos; coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas.”

Uma etapa superior das relações interdisciplinares, sem fronteiras entre si; a necessidade de uma transgressão das fronteiras entre as disciplinas, em todos os campos do saber. Para além das regras, da disciplina; compreensão de uma ligação, co-ordenação dos saberes sem fronteiras disciplinares em prol de uma finalidade comum. Transdisciplinaridade... Talvez esta seja a forma mais fidedigna de defini-la. Ao colocar reticências, não a fecha num conjunto de palavras concatenadas, com um sentido. Deixa-se a possibilidade da criação, através do *Caminhando* construir, desconstruir e reconstruir tal conceito. Estuda-se seus pressupostos mas, não a fecha em uma determinada definição: lugar sem lugar; estatuto de um desvio.

Neste *Caminhando*, encontra-se contribuições do físico romeno Basarab Nicolescu, através de sua obra “O Manifesto da Transdisciplinaridade”, com a trajetória da constituição dos “pilares” da metodologia da pesquisa transdisciplinar e das características fundamentais da atitude e visão transdisciplinares. Esta metodologia complementa a pesquisa pluridisciplinar e interdisciplinar mas, é distinta destas pois a compreensão do mundo presente passa pela compreensão do sentido da vida e da morte neste mundo. Os três pilares desta metodologia são: terceiro incluído, complexidade e níveis de realidade. A atitude transdisciplinar é compreendida como a aptidão para conservar e garantir a postura da identidade de sentido entre fluxo da informação que atravessa os diferentes níveis de realidade e o fluxo de consciência, que atravessa os níveis de percepção atribuindo sentido e orientação. A atitude transdisciplinar pressupõe acordos entre níveis de realidade e níveis de percepção, que é a própria experiência de vida. As características fundamentais da atitude e visão transdisciplinares são: rigor, abertura e tolerância (Nicolescu, 2005). As contribuições dos filósofos franceses Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) com as expressões: território, rizoma, entre, linha de fuga são importantes para compreensão deste movimento.

A Transdisciplinaridade escapa de qualquer fechamento, é linha que foge, é “entre” que surge dos encontros e desencontros; é rizoma sem ter início e fim; é ritornelo que não

repete identicamente, pois não existe repetição idêntica: sempre há um repetir com algo diferente, novo. É muita coisa e, não pára de se metamorfosear; é porosidade; é híbrido: é algo que escapa, foge, atravessa as pseudo-fronteiras das disciplinas. Transdisciplinaridade é plural: são pontes que ligam espaços internos e externos, sendo que estes são dimensões de um único espaço que pode ser denominado mundo. Pontes que conectam diferentes seres, compondo uma coletividade; pontes que relacionam diferentes campos do conhecimento, gerando uma revolução da inteligência. (Nicolescu, 2005)

Nicolescu (2005) sinaliza que Edmund Husserl (1859-1938) e outros pesquisadores do século XX “descobriram a existência dos diferentes níveis de percepção da Realidade pelo sujeito observador” (p. 32). Vale ressaltar que Husserl inaugura o movimento fenomenológico, com contribuições relevantes como a redução fenomenológica e a proposta do “retorno às coisas mesmas”. Husserl foi professor e uma das grandes influências do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976).

Heidegger aborda, na obra *Ser e Tempo* (1927/2002a, 2002b), a questão sobre o sentido do ser, fazendo uma distinção entre os entes como: simplesmente dados — os entes que *são*, cujo modo-de-ser não tem relação com o jogo temporal — e, os existentes — os que *existem*, que possuem o modo-de-ser sempre em jogo no devir temporal.

O ente cujo “modo de ser da coisa enquanto o que se dá simplesmente antes e diante de qualquer especificação” (Heidegger, 1927/2002a, p. 31) e que não está em jogo no devir temporal é denominado de ‘ente simplesmente dado’ (*Vorhandenheit*).

O ente cujo modo de ser está em constante devir é denominado por Heidegger de *Dasein*: “Esse ente que cada um de nós somos e que, entre outras, possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós o designamos com o termo de pre-sença.” (Heidegger, 1927/2002a, p. 33). Na edição brasileira de *Ser e Tempo*, o termo *Dasein* é traduzido como pre-sença porém, no presente artigo será utilizado o termo original. *Dasein* (*Da* = aí; *Sein* = ser, ou seja: ser-aí) remete ao ente que tem a possibilidade de questionar sobre seu modo de ser no mundo e, este ente é o homem. O aí do ser-aí é compreendido como mundo; portanto *Dasein* também tem o sentido de ser-no-mundo: ente que, ao estar em contato, em relação com outros entes pode habitá-lo e habitar o mundo. Por isso, *Dasein* pode ser compreendido como “ser-no-mundo-com-outros” ou, simplesmente, “ser-com”.

Heidegger e o psiquiatra suíço Medard Boss (1903-1990) iniciam um *caminhando* a partir de uma correspondência enviada por Boss a Heidegger, no ano de 1947. O psiquiatra vê a possibilidade de aplicabilidade dos conteúdos filosóficos de *Ser e Tempo* na prática clínica. E, o filósofo via “a possibilidade de que seus *insights* filosóficos não ficassem limitados às

salas de filósofos, mas pudessem beneficiar um número muito maior de pessoas e, principalmente, pessoas necessitadas de ajuda. (Heidegger, 2001, p. 11)

Boss acreditava que os *insights* fundamentais de Heidegger contribuiriam para a “humanização do nosso mundo, no sentido mais positivo da palavra. Justamente... para submeter-se ao amar destinado ao ser humano de tudo aquilo que se revela a partir da abertura do seu mundo e lhe fala como ente.” (Heidegger, 1987/2001, p. 15)

Sobre a Daseinsanalyse

Em Ser e Tempo, Heidegger denomina de “Fenomenologia Hermenêutica” o “caminho para”¹ a analítica do *Dasein* (*Daseinsanalytik*), que consiste na descrição interpretativa² das estruturas ontológicas fundamentais da existência humana, possibilitada pela atitude de suspensão de qualquer forma de objetivação do ser do homem como pessoa, eu, consciência, sujeito, seja num sentido psicológico ou transcendental. Esta analítica originou a *Daseinsanalyse*, de Medard Boss, que trabalha com

a compreensão do Dasein, do ‘ser-aí’, como ‘ser-no-mundo’, como ‘ser-com’; como aquele que é chamado em suas possibilidades para realizar sua existência através do ‘cuidado’, é cobrado por isso e sente culpa; aquele que sonha, faz planos; sabe que é finito e se angustia diante da possibilidade do nada. (Sapienza, 2004, p. 17.)

A clínica daseinsanalítica será espaço para tematização e ampliação de horizontes de sentido através do modo de relação com o mundo, considerando seus sofrimentos, alegrias, angústias e dores existenciais. O exercício clínico da *Daseinsanalyse* não é o emprego de métodos e técnicas, nem substituição de antigas práticas clínicas e, muito menos, denomina-se um novo método psicoterápico. Este exercício “deve estar sempre subordinado a uma compreensão fenomenológico hermenêutica do Dasein.” (Sá, 2004, p.46) Ou, como adverte Heidegger, nos Seminários de Zollikon, “empregamos a psicologia, a sociologia e a psicoterapia para ajudar o homem a ganhar adaptação (*Anpassung*) e liberdade em seu sentido mais amplo.” (Heidegger, 1987 citado por Sá, 2017, p. 53) Pode-se pensar a psicoterapia

¹ A expressão “caminho para” refere-se ao sentido de “método”.

² Descrição: referente à Fenomenologia, que visa dirigir-se às coisas mesmas tal como elas aparecem/se dão para a consciência. Interpretativa: referente à hermenêutica, “perspectiva de abordagem capaz de revelar aspectos parciais do sentido dos entes e não sua essência última” (Sá, 2003. p. 165). Quanto à hermenêutica, também se faz correlação com Hermes, filho de Zeus e mensageiro alado que tinha por função a transformação de qualquer coisa que fugisse à compreensão humana em algo inteligível; sendo a descoberta da escrita e da linguagem atribuída a ele, pelos gregos, instrumentos estes destinados a alcançar o significado das coisas.

como um recurso para quem está com dificuldade; com ausência de sentido para sua existência.

No espaço da psicoterapia, há o “acolhimento e concentração do distúrbio” (Sá, 2017, p. 54). A *Daseinsanalyse* vem como possibilidade de abertura de sentido para este homem, cuja condição para o enfrentamento da situação, em que se encontra, não é claro ou não há resolução ou outras possibilidades. É um espaço para questionamento do horizonte em que o *Dasein* se encontra em um determinado momento de sua existência.

A busca da definição do termo psicoterapia na perspectiva fenomenológica-existencial é fadada ao fracasso. Uma única definição para uma prática que, não possui técnicas exclusivas ou método — no sentido moderno do termo —, é entrar em contradição com o que a abordagem fenomenológica aponta como essencial significado para as relações existenciais entre entes — simplesmente dado e existente.

A psicoterapia pode ser compreendida como um espaço onde duas ou mais pessoas se encontram para conversar; participar de dinâmicas e vivências; ouvir a própria voz; ser acolhido; chorar e rir; compartilhar experiências que dificultam o livre transitar do indivíduo em sua vida, a apontar um melhor engajamento perante a incerteza da vida.

Esta lista de ‘possíveis afazeres na terapia’ ainda não a caracterizou totalmente mas, apontou para uma prática que não é fechada em protocolos e estereótipos. Porém, é importante frisar a existência do contrato entre psicólogo e cliente, onde são estabelecidas regras e normas em função de, também ser, uma prestação de serviço: pagamento; dia e horário da terapia; atraso de ambos; tempo de duração da sessão; esclarecimento do que seja a psicoterapia e da avaliação psicológica que ocorre nas primeiras sessões para constatar a necessidade de terapia — lembrando que, às vezes, a pessoa procura um psicólogo para conversar sobre o que poderia ser feito num grupo de convívio ou em alguma atividade.

A psicoterapia é um espaço onde há possibilidade do cliente olhar de novo — e quantas vezes forem necessárias — vivências de sua existência e, a cada ‘olhar de novo’ poder re-significá-las. O cliente busca atendimento psicológico... mas, por quê? Pode ser por vários motivos: encaminhamentos oriundos de escola, trabalho, médicos ou Justiça; sugestão de familiares e amigos e; procura espontânea. Independente do motivo para a procura, a psicoterapia é uma relação afetiva, onde serão velados e desvelados assuntos, fatos e vivências relevantes do cliente. O cliente e o psicólogo construirão esta relação afetiva, através das sessões terapêuticas. Nesta relação afetiva, há espaço para sentimentos de acolhimento, compreensão, desamparo, raiva, abandono, carinho, repugnância, apego,

dependência, independência, empatia, antipatia, incompreensão, entre outros. Por ser uma relação afetiva, envolve inúmeros sentimentos e expectativas.

Mas, é importante delimitar o que é chamado de relação afetiva no contexto psicoterápico. Nesta relação, há inúmeros sentimentos vivenciados e, o cliente possui neste espaço, por ex., a oportunidade de perceber que tem alguém ao seu lado mesmo após contar algum fato vergonhoso ou até considerado imoral pelo seu meio cultural e/ou social. Uma relação que acolhe, escuta e intervém sem julgar.

Espaço também para ouvir a própria voz e aprofundar o pensamento para a questão do sentido da vida própria. Espaço para caminhar junto, com o passar do tempo, aprender a aprender, percebendo a capacidade de seguir sozinho. É importante lembrar: o psicólogo tem a função de ser dispensável.

Pompéia (2004a) trabalha uma tentativa de definição de psicoterapia e, constrói a sentença “A psicoterapia é procura, via *poiesis*, pela verdade que liberta para a dedicação ao sentido” (p.168). O autor analisa os termos procura, *poiesis*, verdade, liberta/liberdade e sentido e, suas relações com a psicoterapia.

‘Procura’ pode ser visto com duas possibilidades de compreensão: a procura de algo que ocorre a cada passo do caminho que é trilhado no processo terapêutico. Inspirando-se nos hífens e na compreensão das palavras a partir do seu radical e afixos, procura pode tornar-se pró-cura, remetendo à cura, ao cuidado e, ao significado de ‘é para cuidar’ (Pompéia, 2004). Retomando o primeiro sentido de procura, percebe-se que a busca de algo é a tentativa de desocultar, desvelar, trazer à luz — *poiesis* — ‘a’ verdade sobre o que se procura. E por que o interesse pela verdade se é sabido de sua relatividade — “antigas verdades viraram mentiras” (Leoni, 2003.) ? Porque mesmo sendo relativa, a verdade na situação vivenciada traz a liberdade para a pessoa: torna-se livre daquela dúvida e também pode trazer a questão ‘o que fazer com esta verdade, com esta libertação da dúvida ?’, podendo descobrir o seu sentido. Ao vivenciar a busca pela verdade e a liberdade, o *Dasein* está em busca do sentido de sua existência e, dedicando-se aos seus possíveis modos-de-ser. E, se for pensar: todo este caminho é feito numa terapia e, principalmente, é iniciado, re-iniciado: o início é a marcação do final e este é indício de um novo caminho, novo começo.

A psicoterapia é um espaço onde o cliente desvela a possibilidade de mudanças em seu modo-de-ser, em sua existência e, conseqüentemente, no mundo. Estas mudanças ocorrem aos poucos, a cada encontro terapêutico e, o psicólogo não pode acelerar este processo e nem induzir mudanças ao paciente.

Sapienza (2004) aponta “o terapeuta era comparado a uma lente de aumento, que amplia para o paciente o que este ainda não consegue enxergar sozinho e que seria bom que ele enxergasse” (p. 198). Mas, este enxergar só ocorrerá se o cliente estiver apto a isto... e isto também é mudança. Outros aspectos importantes para o trabalho do psicólogo são: o papel da própria psicoterapia; supervisão dos casos e postura ética para com o cliente e consigo mesmo.

Independente de nomear, classificar sentimentos, disposições ou afinações, o cliente vem ao encontro do psicólogo por causa de seu sofrimento: sendo já desvelado no primeiro atendimento com o profissional ou aos poucos, à medida que o vínculo terapêutico vai sendo tecido³. O sofrimento, o conflito, a alegria, a felicidade, a liberdade, dentre outras expressões do *Dasein* acabam sendo modos deste ente expressar, vivenciar sua angústia e o movimento que esta gera nele. O psicólogo terá uma postura de “ser-com”, “ser-no-mundo-com-outro” por estas serem uma característica existencial-ontológica do *Dasein* de ser relação com o mundo, denominada de cuidado (*Sorge*).

4. Discussão e Resultados

Caminho 2: Aproximação de noções da Transdisciplinaridade e da Clínica Psicoterápica Daseinsanalítica

Os caminhos se cruzam, se encontram, se atravessam... e, não há sinal fechado. Neste atravessamento, surge a possibilidade do encontro, toque, mistura. Mas, aproximações são atravessamentos, toque e mistura ? Aproximação subentende estar próximo, reduzir distâncias, dialogar, trocar, misturar... tais fenômenos são possíveis quando permite-se ser relação, ser cuidado.

A Transdisciplinaridade e a Clínica Daseinsanalítica possuem uma aproximação por não serem conceitos fechados e serem compreendidas pela própria prática. A Transdisciplinaridade surge transgredindo e torna-se um rizoma poroso e híbrido que, a cada encontro, ganha novas formas com suas linhas duras, moleculares e de fuga. A Clínica Daseinsanalítica vem como possibilidade de abertura de sentido para o homem, cuja condição para o enfrentamento da situação vivenciada não é claro, sem chances outras possibilidades. É

³ “Confiar é co-fiar: seguir junto o mesmo fio.... Paciente fala. E o terapeuta ? Segue o fio da fala. Assim confia: seguindo, no correr do tempo, o discurso do outro. Participando, a seu modo, da trama que as palavras vão tecendo.” (Cancellato, 1991, p. 43)

um espaço para questionamento do horizonte em que o *Dasein* se encontra em um determinado momento de sua existência.

Terceiro Incluído e Cuidado (Sorge)

Nicolescu (2005) relembra três axiomas – identidade, não-contradição, terceiro excluído – para chegar ao quarto axioma, o do terceiro incluído. O axioma da identidade aponta $A \text{ é } A$; o da não-contradição traz o entendimento de A não ser o não- A ; o do terceiro excluído é a inexistência de um terceiro termo que seja A e não- A . O axioma do terceiro incluído é a existência de um termo que, ao mesmo tempo, seja A e não- A .

Barros (1998) comenta

O devir seria o terceiro incluído.... Ao devir estamos chamando de terceiro incluído, como uma porta que abre para a multiplicidades de modos de ser. ... Ele é processo e como tal, não pára de se transmutar. Não é julgado pelo resultado final, mas pela qualidade de seu curso e pela potência de sua continuação. (p. 29-30)

A lógica do terceiro incluído não exclui a do terceiro excluído. Ao refletir sobre o terceiro incluído, é possível correlacionar com a contribuição de Deleuze e Parnet (1998) sobre os indivíduos e os grupos serem feitos de linhas diversas: duras; flexíveis ou moles; gravidade, celeridade ou de fuga. Os diferentes traçados das linhas do ‘tecido existencial’ compõem o indivíduo e os grupos. Não há condições de viver somente com um tipo de linha: as três tecem a vida, ao mesmo tempo ao seu modo, ritmo e velocidade diferentes.

Como pensar a prática clínica daseinsanalítica tendo como base ou fundamento o *cuidado* ? Boff (2003) fornece uma pista: “Não temos cuidado. Somos cuidado.” (p. 89) Ao “questionar” e “questionar-se”, o *Dasein*, de certa maneira, está em contato, em relação com os outros entes — simplesmente-dado e existente —. Esta característica de se colocar em relação é chamada de cuidado (*Sorge*). Ocupação (*Besorgen*) é o modo do cuidado expresso pelo *Dasein* ao relacionar-se com entes simplesmente dados. Preocupação (*Fürsorge*) expressa o modo do cuidado do *Dasein* relacionar-se com outros *Dasein*, sendo através da substituição e da anteposição.

Pala (2005) aborda os diversos significados dos termos ‘cuidado’ e ‘cura’, e entre eles, o cuidado como ‘pensar um fermento’, trazendo para a clínica a possibilidade de pensar, refletir, re-significar um ou vários fermentos, dificuldades e questões existenciais dos pacientes.

Apesar de ser uma expressão utilizada antigamente para tratamento de um ferimento, percebe-se aqui a extensão e importância deste sentido para a prática clínica, De certa maneira, o paciente vem ‘curar’ o seu ferimento mas, este tratamento é através do ‘pensar’ e é um pensar que só é possível através do *cuidado* (*Sorge*), que já é a própria relação estabelecida entre psicólogo e cliente. (p. 59)

De certa forma, a ocupação (*Besorgen*) — um dos modos fundamentais do cuidado (*Sorge*) —, é praticada ao ter o espaço da psicoterapia para o encontro com o outro como um ente simplesmente dado — paciente, cliente, doente — como um ente do qual já se ‘sabe o primordial’. Porém, na psicoterapia daseinsanalítica também, e primordialmente, deve-se buscar a prática do cuidado no modo fundamental da preocupação (*Fürsorge*), enfocando o modo anteposição. O modo substituição é comum nas práticas psicoterápicas possuidoras de teorias e técnicas que explicam, justificam e resolvem as questões da existência humana.

Quanto ao modo preocupação-anteposição, devendo ser privilegiado na prática clínica daseinsanalítica, o psicólogo está em relação com o outro para colocá-lo “diante de suas próprias possibilidades existenciais de ser” (Sá, 2017, p. 58). A psicoterapia, sendo um espaço de acolhimento, de troca, deve proporcionar ao cliente a oportunidade deste escolher suas possibilidades e compreender a própria possibilidade de poder escolher e de arcar com as conseqüências de suas próprias escolhas.

O psicólogo, além de ser comparado a uma lente de aumento como sugerido por Sapienza, também pode ser comparado a um espanador, que limpa, clareia, tira um pouco da poeira das placas indicativas de possíveis caminhos a serem percorridos pelo cliente. Mas, a escolha... é sempre do cliente.

“Pensar um ferimento” é a possibilidade de “curar”, “cuidar”, relacionar-se com a dor, sofrimento, tristeza, questões existenciais dos pacientes, tanto ‘preocupando-substituindo-os’ do cuidado, mas principalmente ‘preocupando-anteposicionando-os’ novamente para o cuidado. E, por que não lembrar de Orfeu, que “pensa” feridas alheias e não “pensa” as próprias ? Entrelinhas, percebe-se que um existente necessita de outro existente para “pensar feridas”.

O terceiro incluído aponta para a quebra do dualismo: A pode ser A e não-A. É a utilização do “e”, é a aposta no “entre”, na multiplicidade de modos-de-ser. A definição do terceiro incluído é provisória, por sempre se dar na relação; por isso, é devir, é fluxo incessante. Cuidado (*Sorge*) como nível de estruturação do homem em qualquer relação, ou

seja, trata-se da maneira pela qual o homem coloca-se em relação com os entes simplesmente dados e com os outros entes existentes. O cuidado existe enquanto o *Dasein* existir. Relação é a palavra-chave nesta aproximação: é na relação que o terceiro incluído se dá, pode ser fluxo incessante e; o cuidado é a característica fundamental do homem com o mundo, com os outros homens e consigo mesmo.

Entre, Rizoma e Entre (Serenidade)

A noção de Entre desvela a potencialidade do estar no meio, estar incompleto. Como explicita Barros (1998),

entre dois significa não ser nem um nem outro, não ser ninguém... estar no meio é não ter concluído, não ter nada, não ter chegado, não ser ninguém.... O entre não é algo localizável no espaço, é um movimento transversal, um fluxo incessante, um devir. ...não pode ser definido, a não ser fragmentária e provisoriamente, na relação, podendo sempre ser outra coisa, outro signo, outro som.... (p. 27; 29)

Entre é estar no meio do caminho, é algo constante sem ser acabado ou finalizado; é um fluxo contínuo. Sua definição não pode ser fechada, precisa ser aberta e provisória, pois o que é ‘entre’ hoje, não será ‘entre’ amanhã.

O entre, conceito trabalhado por Deleuze e Guattari, não tem início e fim, sendo rizoma. O entre é processo, é estar no meio; pode ser definido somente fragmentária e provisoriamente na relação, podendo tornar-se outra coisa “segundos” depois.

Rizoma, conceito proveniente da Botânica, é empregado por Deleuze e Guattari para abordar a capacidade de criação, trocas e multiplicação em rede. Não há um princípio e um fim; há um “meio”. Segundo Barros (1998), o rizoma

está aberto, desmontável e conectável em todas as direções.... é portanto aquilo que está sempre entre, no meio, que tem tecido as conjunções e... e... O entre não é algo localizável no espaço, é um movimento transversal, um fluxo incessante, um devir. Como tal, não pode ser definido, a não ser fragmentária e provisoriamente, na relação, podendo sempre ser outra coisa, outro signo, outro som, outro animal, outro vegetal, etc. Podemos dizer que rizoma é uma rede de

devires, processos maquínicos, transformações não estratificadas.
(p.28-29)

O rizoma pode ser compreendido como uma ‘rede de entres’, uma relação de constante devir no território.

Heidegger apresenta o texto “Para discussão da Serenidade” através do diálogo entre erudito, professor e investigador. O diálogo aponta para a noção de Serenidade (*Gelassenheit*), que poderia ser traduzida *ipsi literis* como “deixadidade”, ter sido deixado e, também traduzido como calmo, sereno. *Gelassenheit* é um “aguardar por”, aguardar pela abertura. A serenidade é o pensamento, mas não o pensamento no sentido de representação. É uma dimensão meditativa e contemplativa sobre o sentido; é um pensar no sentido mais pleno comportando, simultaneamente, o que se desvela e vela nos fenômenos. “Gostaria de designar esta atitude do sim e não simultâneos em relação ao mundo técnico com uma palavra antiga: serenidade frente às coisas (*die Gelassenheit zu den Dingen*)”. (Heidegger, 2000, p. 24) A serenidade é a resposta para a tecnologia⁴ que aliena o homem de seu *habitat*, tornando tudo familiar⁵ e ao alcance. A serenidade promove um novo enraizamento⁶ (*Bodenständigkeit*).

“Erudito: — Estamo-lo, portanto e não estamo-lo. Investigador: — De novo o inquieto vaivém entre sim e não. Professor: — No entanto, a permanência neste entre é o aguardar.” (Heidegger, 2000, p. 51)

“Erudito: Dificilmente podemos alcançar a serenidade de forma mais adequada do que por meio de uma ocasião para nos envolvermos.” (Heidegger, 2000, p. 45). A serenidade seria não apenas o caminho mas, também o caminhar, o movimento, o próprio caminhar no caminho. O aguardar é uma relação com o mundo (abertura de sentido). Portanto, a serenidade vem da própria abertura, “consiste no aguardar sereno através do qual experienciamos o pertencimento de nossa essência à abertura” (Sá, 2004, p. 45).

O entre-da-Transdisciplinaridade e o entre-da-serenidade apontam para o processo; é o estar no meio de linhas; estar no meio do Sim e do Não. Entre e Serenidade são a própria quebra de dualismos; é a aposta no “e”, no aguardar.

⁴ Tecnologia relacionada com o tema que Heidegger trabalhou em “A questão da técnica” (1953).

⁵ Um bom exemplo é o que pode ser presenciado com a Mídia e a Internet, pois fatos que ocorrem em outros países, entram nas casas e nas vidas as pessoas como uma avalanche. E, muitas das vezes, fica-se mais preocupado com situações ocorridas em outros países do que com os que ocorrem em casa, no bairro e na própria cidade. Cabe esclarecer que não é apologia ao “alienar-se às ocorrências do mundo”, mas, uma busca em integrar-se ao que é próprio, ao que é seu *habitat*.

⁶ A idéia de enraizamento pode ser relacionada com a busca de maior integração com o que ocorre à volta do homem.

Linhas de fuga, Desterritorialização e Angústia(Angst)

Deleuze e Parnet (1998) abordam a noção ‘linhas de fuga’ como uma ruptura, cortes, fluxo, apontando para a criação e, para a fuga de uma dualidade. Porém, é necessário perceber que tais linhas também trazem seu risco, quando se tornam *linhas de abolição*⁷, pode-se pensar na linha de fuga como uma atitude de liberdade, de expressão e de desconstrução.

Ao mesmo tempo ainda, há como que uma terceira espécie de linha, esta ainda mais estranha: como se alguma coisa nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiars, em direção de uma destinação desconhecida, não previsível, não preexistente. (Deleuze & Parnet, 1998, p. 145-146)

As linhas de fuga não são meramente acrescentadas às outras linhas; são traçadas ‘entre’ a linha segmentária e produzem um movimento, muitos movimentos tanto velozes quanto vagarosos mas, são movimentos de fluxo e fuga.

Segundo Guattari e Rolnik (2005), território é uma noção compreendida como um indivíduo estar apropriado de si, de seus projetos. O território terá influência das linhas duras, moles e de fuga pois são as que compõe o indivíduo e, este se organiza segundo os territórios aos quais participa e se apropria.

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’. O território é sinônimo de apropriação.... Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (p. 388)

Ao colocar o prefixo *des-* em território ou em territorialização, imagina-se uma ruptura no processo de territorializar, de manter e fazer manutenção dos hábitos, da cristalização das práticas, ações, atividades, pensamentos. Com o processo de desterritorialização, percebe-se a

⁷ “Em suma, a linha de fuga converte-se em linha de abolição de destruição das outras e de si mesma, a cada vez que ela é traçada por uma máquina de guerra. E é esse o perigo especial desse tipo de linha, que se mistura mas não se confunde com os perigos precedentes.” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 165)

entrada de algo novo, há mudança no ritmo do território: é um estrangeiro, um estranho que traz novas opiniões — não cabe o dualismo de bom ou mau. É a quebra do padrão e de barreiras, permitindo novos fluxos. Com o processo de desterritorialização, há o risco: mudanças, abrir-se para o novo, o diferente, novo fluxo movimentando o território.

O território pode desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios ‘originais’ se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho.... (Guattari & Rolnik, 2005, p. 388)

Porém, a tendência e a tentativa de retornar ao território com sua mesmice é vista no movimento de ‘re-territorialização’. É a tentativa frustrada de que tudo volte a ser como era antes da desterritorialização. “A ‘reterritorialização’ consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante.” (Guattari & Rolnik, 2005, p. 388)

As linhas de fuga surgem como ruptura, fuga de uma dualidade; apontam para a criação, desconstrução. A desterritorialização apresenta mudanças no território do indivíduo. Será que tais rupturas geram angústia ? Ou, seriam modos de vivência da angústia existencial?

A angústia existencial surge a partir da relação do *Dasein* com outros entes; leva o homem a constante movimento, pois o despe das fantasias de controle do devir, da homeostase e da utópica completude do mundo. A angústia lança o homem perante a liberdade e responsabilidade de escolha de suas possibilidades próprias.

É a partir da relação, do contato do *Dasein* com outros entes — simplesmente dado e outros *Dasein* — que surgirá o fenômeno da angústia (*Angst*), que segundo o viés heideggeriano, assume uma significação diferenciada do que corriqueiramente o termo remete como uma experiência possível e crucial de ser evitada, aliviada ou abolida, associada a uma condição patológica. “A angústia existencial não é uma doença.” (Comte-Sponville, 2000, p. 21). Angústia leva o *Dasein* a significativos movimentos, já que ela desvela a suposta roupagem e máscara de totalidade, plenitude, controle sobre o devir, “testemunho do fracasso de nossas certezas” (Dantas, 2005, p.93), completude do mundo e, conseqüentemente, as relações nele existentes. “A angústia faz parte de nossa vida. Abre-nos para o real, para o futuro, para a indistinta possibilidade de tudo” (Comte-Sponville, 2000, p. 11). A angústia

traz ao *Dasein* um mundo inoportuno e, exige dele (*Dasein*) uma abertura de sentido para ser e estar no mundo. “Acreditamos que a angústia a nos abrir para a indistinta possibilidade de tudo, revela uma abertura para uma existência mais singular” (Dantas, 2005, p.92)

Como já dito, o que está em jogo na angústia é o lançamento do *Dasein* perante a liberdade e responsabilidade de escolha de suas possibilidades próprias. “[A] vida é pegar ou largar, e é disso também que a angústia, dolorosamente, nos lembra. Que não há vida sem risco. Não há vida sem sofrimento. Não há vida sem morte. A angústia marca a nossa impotência....” (Comte-Sponville, 2000, p. 12.)

A angústia é, em última instância, angústia de morte pelo aspecto do *Dasein* estar se lançando a novas experiências, buscando novos ou re-descobrimo sentidos para suas relações, ‘fugindo’ de um suposto-possível estado de homeostase e/ou completude. A angústia traz para o homem a necessidade de decisão, de mudar, de abrir-se, fechar-se, O fundamental é que *algo* conduz à mudança no ritmo da existência humana; é a falta de controle no devir.

Linhas de fuga e Angústia têm o movimento, o romper estruturas e construções como características básicas. Longe de ser momentos e movimentos fáceis na existência de um indivíduo... perto de ser momentos e movimentos difíceis exatamente pela quebra de ideais e cristalizações, mas necessários, e muitas vezes, vistas como vitais (quicá, viscerais) na existência humana.

Linhas de fuga, desterritorialização e angústia não são garantias de mudanças realizadas e assumidas; são “apenas” movimentos, fluxos que geram desestabilização. Nada impede, e não há como impedir que, após tais fluxos, ocorra reterritorialização e fechamentos de sentido, cristalização. Porém, o que não pode ser apagado é a ocorrência de tais fluxos “desestabilizadores”, e que a existência não será a mesma após a experenciação destes.

Complexidade e Existência

Terceiro incluído, linhas de fuga, rizoma e território apontam para a complexidade da existência. A complexidade advém da Física Fundamental e, não vem como antônimo de simplicidade. Este pilar aponta para a característica da própria existência de múltiplas variáveis que não possibilitam o encaixe dos problemas em fôrmas-de-soluções previamente definidas e prontas. A complexidade diz da potência criadora da vida e, conseqüentemente, de produção de subjetividades.

Na ciência contemporânea,... o complexo é a propriedade de certos fenômenos cuja explicação exige de nós o esforço de evitarmos as simplificações reducionistas.... Desafio da complexidade: superar o antigo isolamento e produzir no encontro com outros saberes. E desse desafio, sua forma paroxística é a aposta transdisciplinar, isto é, o pensamento que se produz no atravessamento das disciplinas, não no interior delas, mas entre elas. (Passos & Barros, 2003, p. 81-82)

A complexidade nutre-se da explosão da pesquisa disciplinar e, por sua vez, a complexidade determina a aceleração da multiplicação das disciplinas.... Aliás, a complexidade se mostra por toda parte, em todas as ciências exatas ou humanas, rígidas ou flexíveis.... O indivíduo permanece estranhamente calado diante da compreensão da complexidade. E com razão, pois fora declarado morto. Entre as duas extremidades do bastão – simplicidade e complexidade -, falta o terceiro incluído: o próprio indivíduo.” (Nicolescu, 2005. p. 43; 47-48.)

Este pilar da transdisciplinaridade “transita por entre as práticas cujas fronteiras apresentam porosidade maior” (Passos & Barros, 2003, p. 82); é a aposta, não em dicotomias de saberes e disciplinas, mas em transversalização cujo processo é a desestabilização que faz emergir o caráter híbrido: das fronteiras dos saberes, das invenções de novos territórios e solução de problemas que desvelaram novas questões. É através de um movimento ziguezagueante, serpenteante que atravessa, passa entre e está presente nas disciplinas, nos saberes. Por complexidade ser um conceito, pode-se recorrer a Guattari e Deleuze (2005b):

Não há conceito simples. Todo conceito tem componentes e se define por eles. É uma multiplicidade.... Conceitos são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros.... O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. (p. 27; 35; 46)

A complexidade convoca para o diálogo, intervenção, pesquisa das situações que são vivenciadas; pois percebe-se cada situação com sua particularidade, seriedade e ética. Aponta, também, para a característica da própria existência de múltiplas variáveis, não possibilitando o encaixe dos problemas em fôrmas-de-soluções previamente definidas e prontas; aponta para

a variabilidade, mudanças, possibilidades, potência criadora da vida e, conseqüentemente de produção de subjetividades.

A existência aborda a condição do homem: ele existe; enquanto todas as outras coisas – seres vivos, animados, inanimados, objetos – não existem, eles são. A inversão da máxima “a essência precede a existência” aponta para o que Heidegger expressa na noção de existência, enquanto condição de possibilidades, abertura de sentido e de constante mudança. Para ter essência, o homem precisa, primeiro, existir. A compreensão de essência torna-se a de construção permanente, inacabada, de constante modificação.

Ao perder o caráter determinista, a existência tem como uma de suas “aliadas” a complexidade, do mundo e do homem. “O complexo é a propriedade de certos fenômenos cuja explicação exige de nós o esforço de evitarmos as simplificações reducionistas.” (Passos & Barros, 2003, p. 81)

Níveis de realidade, dobras e Velar e desvelar

Um dos pilares da metodologia da pesquisa transdisciplinar é denominado de níveis de realidade que traz, em seu termo, a queda da noção de verdade absoluta. Provém da Física Quântica e sua contribuição diz respeito às inúmeras maneiras de se compreender, vivenciar e perceber a realidade, ou melhor, os níveis existentes da realidade.

O maior impacto cultural da revolução quântica é, sem dúvida, o de colocar em questão o dogma filosófico contemporâneo da existência de um único nível de Realidade.... Deve-se entender por nível de realidade um conjunto de sistemas invariantes sob a ação de um número de leis gerais.... O surgimento de pelo menos dois níveis de realidade diferentes no estudo dos sistemas naturais é um acontecimento de capital importância na história do conhecimento. Ele pode nos levar a repensar nossa vida individual e social, a fazer uma nova leitura dos conhecimentos antigos, a explorar de outro modo o conhecimento de nós mesmos, aqui e agora.... A visão transdisciplinar propõe-nos a consideração de uma Realidade multidimensional, estruturada em múltiplos níveis, substituindo a Realidade unidimensional, com um único nível, do pensamento clássico.... Em outras palavras, a ação da lógica do terceiro incluído

sobre os diferentes níveis de Realidade induz uma estrutura aberta, gödeliana⁸, do conjunto dos níveis de Realidade. Esta estrutura tem um alcance considerável sobre a teoria do conhecimento, pois implica na impossibilidade de uma teoria completa, fechada em si mesma.... A unidade que liga todos os níveis de realidade, se existir, deve necessariamente ser uma *unidade aberta*.... Um novo Princípio de relatividade emerge da coexistência entre pluralidade complexa e a unidade aberta: nenhum nível de realidade constitui um lugar privilegiado de onde possamos compreender todos os outros níveis de realidade.... Um nível de realidade é uma dobra do conjunto dos níveis de percepção e um nível de percepção é uma dobra do conjunto dos níveis de realidade.... (Nicolescu, 2005, p. 30-32; 57; 59; 61; 63)

A realidade existe em vários níveis, não há somente a dualidade; há o terceiro incluído desvelando as inúmeras possibilidades de realidade multidimensional. A realidade e a percepção não são um único nível: são dobras que coexistem e se co-inventam, são múltiplas. As dobras são potência de vida, são os entres, são dentro-e-fora.

Os níveis de realidade apontam para a impossibilidade de uma teoria completa e a inexistência de um único nível de realidade. Os níveis de realidade estão estreitamente relacionados com os níveis de percepção que se tem do mundo, das situações vivenciadas, assistidas, relatadas, presenciadas: é o que constitui o entendimento, a compreensão das realidades, do mundo. Crer numa única realidade para todas as pessoas é alienar-se da vivência no mundo. “De dobra em dobra, o homem inventa a si mesmo” (Nicolescu, 2005, p. 81).

Velar e desvelar apontam para percepção e compreensão do homem às situações da existência. Velar refere-se ao encobrir, esconder e, desvelar ao ‘des-encobrir’, fazer vir à luz, fazer aparecer. Velar e desvelar são atitudes contrárias mas, sempre estão juntas: ao se velar um sentido, desvela-se outro sentido e, ao desvelar um sentido, vela-se todos os outros possíveis sentidos. O exercício fenomenológico husserliano de “retorno às coisas mesmas” também pode ser encarado como possibilidade de o homem perceber as coisas como elas aparecem, como se dão à consciência. Como este “exercício” tem grande influência da

⁸ Gödeliana: referente a Gödel. Teorema de Gödel diz que um sistema de axiomas suficientemente rico leva, inevitavelmente, a resultados quer indecidíveis, quer contraditórios. (Nicolescu, 2005, p. 60)

percepção, da abertura e fechamento de sentido do homem, este “retorno” trará exemplos vívidos de diferentes níveis de realidade.

A sutileza do velar e desvelar pode ser vista a existência dos níveis de realidade: é a percepção em jogo, mostrando o que o homem pode e não pode perceber naquele momento de sua existência.

Abertura e abertura e fechamento de sentido

A abertura da transdisciplinaridade está voltada para o novo, inovações; eternos questionamentos e respostas temporárias. Esta abertura é inconstância no sentido de não ser algo fechado, pronto, cristalizado. Dogma e ideologia não cabem neste traço da atitude transdisciplinar. E, isso cabe como um alerta: ter a Transdisciplinaridade como ideologia ou até mesmo dogma, quiçá religião, é sinal de incompreensão de seus princípios, pilares e traços e, não combinam com a atitude e prática transdisciplinares.

A abertura, uma das características fundamentais da Transdisciplinaridade “comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível” (Nicolescu, 2005, p. 132). Pensar a abertura como possibilidade de novos olhares, novas oportunidades. As três espécies de abertura, segundo Nicolescu (2005, p. 132), são “abertura de um nível de realidade para outro nível de realidade; a abertura de um nível de percepção para outro nível de percepção e, a abertura para a zona de resistência absoluta que liga o Sujeito e o Objeto.”

Ao estar aberto para as situações inesperadas e imprevisíveis da vida, está-se aberto para a vida como fluxo incessante, o devir. Abertura está estreitamente relacionada com a aceitação dos fatos da vida como fluxos, como impossibilidade de controle sobre os fenômenos da existência. O desconhecido é percebido como possibilidade de se conhecer novas situações.

Na Fenomenologia heideggeriana, uma das características fundamentais do *Dasein* é ser abertura de sentido, correlacionando com os modos de ser possíveis que o homem pode ou não escolher para si. É a partir de suas escolhas que o *Dasein* se posiciona, é e está no mundo. O homem pode optar, escolher por abrir-se ao mundo e, com isso ter a possibilidade de estar desvelando o mundo através de novas relações com outros *Dasein* e entes simplesmente dados. O homem também pode optar por fechar-se, cristalizando-se em seus modos de ser, sem ousar em novos modos que ele próprio pode desvelar no mundo. A opção pelo fechamento de sentidos também é encarada como escolha.

Porém, este fechamento pode ser visto como uma forma do *Dasein* limitar-se diante de um ‘mundo de possibilidades’ de relações com outros entes. Embora seja uma característica

do modo mediano do *Dasein*, o fechamento pode ser analisado como um adoecer do *Dasein* já que, também, uma de suas características fundamentais é a abertura de sentido — possibilidade de troca, relação com o mundo. O homem é um ser-no-mundo, em constante cuidado com outros entes e, é este cuidado e o desvelar do mundo que o permite ser um *Dasein* livre e autêntico. Cuidado é esta característica existencial-ontológica do *Dasein* de colocar-se e ser-em relação com o mundo.

Ser abertura de sentido é uma das características fundamentais do *Dasein*, que tem relação com os modos de ser possíveis que o homem pode ou não escolher para si. Importante perceber: *ser* abertura e, não *ter*. Com isso, nota-se que o homem é aberto, é possibilidade de troca e relação com o mundo e outros entes. Porém, o *Dasein* tende ao fechamento e, este é o risco da escolha do homem por fechar-se ao mundo, cristalizando-se, sem se renovar e ter novos contatos, relações e, principalmente, em desvelar e desvelar-se no mundo.

Ter abertura da Transdisciplinaridade é a aposta de que se pode questionar, aceitar, negar e enxergar maneiras diferentes e inovadoras de se viver. Ser abertura de sentido é a aposta de que uma constante possibilidade de novas percepções e realidades podem ser desveladas, descobertas na existência do homem.

Rigor e Questão da técnica

O rigor pode ser definido pela capacidade de se comunicar sobre o fio da navalha do porquê, do como e do terceiro incluído, pois estes são importantes e compõe a linguagem transdisciplinar. O rigor transdisciplinar deve levar em consideração todos os dados presentes na situação analisada.

É, antes de mais nada, o rigor da linguagem da argumentação baseada no conhecimento vivo, ao mesmo tempo interior e exterior, da transdisciplinaridade.... O rigor da transdisciplinaridade é um aprofundamento do rigor científico, na medida em que leva em conta não apenas os outros seres e coisas. Levar em conta todos os dados presentes numa dada situação. (Nicolescu, 2005, p. 131-132.)

O rigor não é sinônimo de rigidez. Como traço da atitude transdisciplinar, traz a contribuição de amplitude do critério de avaliação, verificação dos dados envolvidos numa situação. Rigor vem como norteador, indicador de rumos, ou melhor, sinalizador da existência de regras, normas, padrões que não devem somente ser seguidos mas, primordialmente, discutidos, analisados. O rigor pode demonstrar a necessidade de limites, regras para a

abertura. Quando é dito de o rigor ser a comunicação sobre o fio da navalha, pode-se pensar que o rigor está *entre* a abertura e a tolerância.

No texto intitulado “A questão da técnica”, publicado em 1953, Heidegger traz reflexões sobre o sentido da técnica. O próprio questionar a técnica aponta a possibilidade de um caminhar livre, abrindo *Dasein* ao relacionamento com a essência da técnica. A técnica é compreendida como “meio para um fim... uma atividade do homem”, produção e uso de ferramentas e, as necessidades; é um instrumento (Heidegger, 2002c, p. 11).

Pensar a técnica é revisitar as quatro causas referenciadas a Aristóteles – material, forma, fim, efeito. A partir das quatro causas, algo é desvelado, é “deixar-viger” – num sentido de liberar, soltar uma vigência –; que, ao “passar e agir de um não-vigente para a vigência” (Heidegger, 2002c, p. 16), ganha também o sentido de *poiesis*, de produção, de produzir. A *poiesis* é um deixar vir a luz, criar; por isso, compreende-se a produção não sendo somente o ‘produto final’ mas, as quatro causas que compõe a produção e, sendo fundada na *aletheia* – termo grego para ‘verdade’ –, no desencobrimento. A técnica, neste texto, é uma forma de desencobrimento. Compreende-se, portanto, que existem vários modos de chegar à verdade; não somente pela técnica que, a partir deste momento, pode ser compreendida como tecnologia. “A essência da técnica moderna põe o homem a caminho do desencobrimento que sempre conduz o real... Pôr a caminho significa: destinar... destino é também a produção da *poiesis*.” (Heidegger, 2002c, p. 27) O desencobrimento leva à liberdade e, esta “é o reino do destino que põe o desencobrimento em seu próprio caminho.” (Heidegger, 2002c, p. 28)

O mistério da essência da técnica é por ser o perigo. Este perigo ou ameaça está relacionado à possibilidade de o homem não recorrer um desencobrimento mais originário. O perigo não é a tecnologia mas, o afastamento do homem – usuário e criador da tecnologia, pelo uso da *poiesis* – de sua possibilidade e condição própria de ouvinte do destino e liberto ao mistério da *aletheia*.

Em “Serenidade”, Heidegger apresenta a possibilidade em dizer sim e não à técnica no Contemporâneo. “Dizer sim à presença e ao emprego circunstancialmente inevitável da técnica em nosso mundo cotidiano, ao mesmo tempo, dizendo não à poderosa mitificação histórica que impõe a técnica como um modo superior, mais verdadeiro e naturalmente necessário do conhecimento.” (Heidegger, 2000 citado por Sá, 2004. p. 44-45)

A noção de rigor e a questão da técnica trazem reflexões sobre a possibilidade do terceiro incluído; do ‘entre’: o rigor como o que orienta, ou melhor, acompanha sem ditar o que deve ser feito. E, a técnica, segundo Heidegger, como algo que não cobra a necessidade

de se escravizar, mas tem um relacionamento mais livre, “onde põe diante do sentido essencial de algo, revelando-nos assim os seus limites” (Sá, 2004, p. 44).

Tolerância e Possibilidades

Tolerância traz a possibilidade da existência do que é contrário à Transdisciplinaridade, exatamente por acreditar nos diferentes níveis de realidade e de percepção e, que suas vivências e entendimentos estão totalmente relacionadas com a escolha do sujeito, que pode mudar em função do tempo e das experiências vividas em sua existência. A tolerância “resulta da constatação de que existem idéias e verdades contrárias aos princípios fundamentais da transdisciplinaridade.” (Nicolescu, 2005, p. 133)

A tolerância vem como condição de aceitar a existência de outras idéias diferentes das apresentadas pela Transdisciplinaridade. “A tolerância é o reconhecimento do direito às idéias e verdades contrárias às nossas.” (Nicolescu, 2005, p. 165) Esta atitude “tolerante” remete ao conceito de níveis de realidade, onde existe — ou deve existir, espera-se que exista — a “permissão” de olhares, audições, degustações, manuseios, odores e intuições e, compreensões das mais diversas e possíveis situações, vivências.

Possibilidade é um termo empregado por Heidegger como característica do *Dasein*, sendo ideal usar possibilidades.

A pre-sença é sempre sua possibilidade. Ela não ‘tem’ a possibilidade apenas como uma propriedade simplesmente dada. E é porque a pre-sença é sempre essencialmente sua possibilidade que ela *pode*, em seu ser, isto é, sendo ‘escolher-se’, ganhar-se ou perder-se ou ainda nunca ganhar-se ou só ganhar-se ‘aparentemente’. A pre-sença só pode perder-se ou ainda não se ter ganho porque, segundo seu modo de ser, ela é uma possibilidade *própria*, ou seja, é chamada a apropriar-se de si mesma. (Heidegger, 2002a, p.78)

As possibilidades que o homem possui podem e não podem ser realizadas: dependem de suas próprias escolhas, mesmo que sejam escolhas produzidas pela massa.

Pensar a tolerância e as possibilidades vem como desafios para a existência humana, além de, também, poder remeter à noção heideggerianas de ‘abertura de sentido’ para possibilitar a percepção de outros modos de ser e estar no mundo.

4. Considerações Finais

Caminho 3: Meditando entre os Caminhos...

Pensar os caminhos trilhados é um convite para re-trilhá-los.

Muitas linhas atravessaram o Caminhando... Linhas de metrô, trem, ônibus, de telefone, de costura e, linhas de caderno. Linhas rabiscadas, escritas, desenhadas, versadas... linhas arrebitadas, de ruptura, segmentadas, molares, moleculares, de fuga e de abolição. Muitas linhas; diferentes linhas mas... todas são linhas com suas complexidades.

Linha, fio... Fio que é desenrolado a partir da vontade e do ritmo do caminhar: pode ser desenrolado constantemente e pode ser estancado, parado. Outras possibilidades ? Fio partido, embolado, nó no fio, fio cortado, meio-fio, fio arrebitado, invisibilidade do fio, fim do fio, emendado... As possibilidades se limitam aos níveis de percepção e de realidade que se aceitam e vislumbram na existência. A vida como criação: um dos maiores desafios. Será ? Depende...

O que compreende-se por criação ? Criar, construir, descobrir, desvelar novos sentidos, novas perspectivas tendo o devir, a surpresa e o inesperado como instituintes na “suposta” vida-instituída. Suposta pois, a vida ser instituída, sem interrupções, ocorrências inesperadas é falar de uma vida utopicamente homeostática e inexistente. A vida é fluxo, é pegar e largar, lançar-se no desconhecido, fazer o Caminhando através de seus três caminhos.

A Transdisciplinaridade torna-se possível através de aposta, criação, lançar-se, transpor barreiras... Pode-se perceber a atitude transdisciplinar no cotidiano: há potência de ilimitação; o constrangimento da potência de ilimitação e, a combinatória ou a hibridização destes modos de relacionar-se com a potência ilimitada. A potência de ilimitação é o poder tudo: tem dinheiro sem ter dinheiro; vai a qualquer lugar do mundo sem sair de casa; trabalha-se em casa; conversa com pessoas em qualquer lugar, p.ex. Já o constrangimento desta ilimitação é a constatação de não poder tudo. A combinatória é o transitar nestes modos fazendo diferença, criando alternativas às políticas de dominação e subjugação dos modos de produção de subjetividade, dos modos-de-ser e estar no mundo.

A Transdisciplinaridade é *o cortando* da fita de Möbius⁹: não há forma definida do quê ocorrerá na existência humana. Apesar de compreendida por pilares e traços, fica o mistério e

⁹ August Möbius (1790-1868) foi “matemático alemão nascido em Schulpforta, Saxônia, hoje Alemanha, um dos inventores das *coordenadas homogêneas* e mais conhecido como criador da *faixa de Möbius*.”. (Fernandes, 2012). **August Ferdinand Möbius**. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AugstFer.html>> Acesso em: 15 de Fevereiro de 2018. 11:30h. A faixa ou fita de Möbius ou Moebius tem o formato do símbolo do infinito e, ao espetá-la em seu meio e cortá-la com uma tesoura, o dentro torna-se fora e vice-versa.

o desvelar, descobrir a cargo de cada um, pois, como cada pilar e traço aparecerá e não aparecerá na vida, depende do modo como cada indivíduo está cortando a própria fita de Möbius, desenrolando o seu próprio fio, como se está *caminhando*. A Transdisciplinaridade... A atitude clínica da *Daseinsanalyse* pode ser vista através da noção de serenidade (*Gelassenheit*): é um aguardar; uma maneira diferente de lidar com o conhecimento, deixando de ser algo sobre essência dos entes para ser compreendido como uma possibilidade de sentido, correspondendo a um determinado nível de realidade, que não esgota e nem é privilegiado sobre os demais.

A proposta de aproximar Transdisciplinaridade e a Clínica Psicoterápica Daseinsanalítica vem da percepção de semelhanças entre suas noções. Uma das intenções é apontar que a clínica daseinsanalítica possui, em sua prática, a flexibilidade e a abertura para inúmeras técnicas. Uma clínica que trabalha a desnaturalização e o conformismo de estereótipos tão nocivos, doentios. O fundamento filosófico instiga e amplia os modos de perceber a sociedade.

“Caminhando” pode ser percebido como a produção de subjetividade ocorrida em qualquer lugar, exatamente por acontecer na vida. O lugar de psicólogo é um lugar móvel, flexível e mutável como as imagens de um caleidoscópio, propondo-se a questionar e refletir sobre o ser-e-estar-no-mundo dos clientes e o que está sendo processado, produzido enquanto modos de existência e resistências às imposições mercadológicas deste “momento histórico”. “Caminhando” é a aposta de uma clínica onde a vida esteja presente: riso, choro, saúde, doença, alegria, tristeza, medos, depressão, morte, vida, música, pintura, filme, livros, desenhos, jogos, expressão corporal, amor, ódio, raiva, afetos, preocupações, tensões, ..., ..., a existência enquanto fluxo, enquanto linha, enquanto fio do equilibrista, enquanto possibilidades, enquanto fita de Möbius.

A existência humana é tecida por linhas duras, moles e de fuga, cortando fitas de Moebius, trilhando sem trilhas novos caminhos e caminhando. Caminhar sem trilhas não é estar perdido; é trilhar em qualquer sentido (Leão, 2002) e, a existência humana possui inúmeros sentidos.

Referências

Bastos, R. L. (2009). *Ciências Humanas e Complexidades: projetos, métodos e técnicas de pesquisa – o Caos, a Nova Ciência*. Rio de Janeiro: E-papers.

Barros, R. B. (1998) *A noção de “Entre” em Deleuze e Guattari: primeiras aproximações à clínica dos grupos*. Cadernos Transdisciplinares – UERJ, Rio de Janeiro, p. 23-31, 1998.

Boff, L. (2003) *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes.

Canello, L. A. G. (1991) *O fio das palavras: um estudo de Psicoterapia Existencial*. (4ª ed.) (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia Vol. 45) São Paulo: Summus.

Comte-Sponville, A. (2000) *Bom dia, Angústia !* Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

Dantas, J. B. (2005) Conclusão. In: Dantas, J. B. *Angústia, Existência e Contemporaneidade*. Niterói, 2005. 101f p. 91-97. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

Deleuze, G. & Parnet, C. (1998) Políticas. Deleuze, G. & Parnet, C. In: *Diálogos*. São Paulo: Escuta. pp. 145 – 170.

Deleuze, G. & Guattari, F. (2005a) *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. (Vol.4) Trad. Suely Rolnik São Paulo: 34.

Deleuze, G. & Guattari, F. (2005b) *O que é a filosofia ?* (2a ed.) Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: 34.

Ferreira, A. B. H. (1999). *Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa* (3a ed. rev. e ampl.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Guattari, F. & Rolnik, S. (2005) *Micropolítica: cartografias do desejo*. (7a ed rev.) Petrópolis, RJ: Vozes.

Heidegger, M. (2000) *Serenidade*. Tradução: Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget. (Original publicado em 1959).

Heidegger, M. (2001) *Seminários de Zollikon*. Editado por: Medard Boss. Tradução: Gabriella Arnould, Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1987).

Heidegger, M. (2002a) *Ser e Tempo*. (12a ed.) (Vol. 1) Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1927).

Heidegger, M. (2002b) *Ser e Tempo*. (10a ed.) (Vol. 2) Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1927).

Heidegger, M. (2002c) A questão da técnica. (2a ed.) In: Heidegger, M. *Ensaio e Conferências*. (12a ed.) Tradução: Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1953).

Japiassu, H. (1976) *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.

Fernandes, C. (2012) *August Ferdinand Möbius*. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AugstFer.html>>. Acesso em: 15 Fevereiro 2018. 11:30h.

Koehler, H. (1957) *Dicionário Escolar Latino-Português*. 7 ed. Porto Alegre: Globo.

Leão, E. C. (2002) *Aprender a pensar*. (5a ed.) (Vol. 1) Petrópolis, RJ: Vozes.

Leoni. (2001) *Melhor pra mim. Você sabe o que eu quero dizer*. São Paulo: Atração. Peermusic.

Martins, J., Bicudo, M, A. (1989). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes; EDUC, 1989.

Nicolescu, B. (2005) *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. (3a ed.) Trad. Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom.

Pala, Á. C. S. (2005) *A noção heideggeriana de cuidado (Sorge) e a clínica psicoterápica daseinsanalítica*. Monografia de Conclusão da Graduação em Psicologia. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

Passos, E. & Barros, R. (2003) *Complexidade, transdisciplinaridade e produção de subjetividade*. In: T. M. G. Fonseca & P. G. Kirst (Org.). *Cartografias e devires. A construção do presente*. (Vol. 1) Porto Alegre: [s.n] p. 81-89

Pequeno Dicionário Latino-Português. (1955) (6a ed.) Revisto por Fernando de Azevedo. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Pompéia, J. A. (2004) *Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUC; Paulus.

Sá, R. N. (2004) A questão do método na clinica Daseinsanalítica. In: Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro *Fenômeno Psi*. (Ano 2, nº1). Rio de Janeiro: IFEN.

Sá, R. N. (2017) A noção heideggeriana de cuidado e a clínica psicoterápica. In: R. N. Sá *Para além da técnica: ensaios fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado*. Rio de Janeiro: Via veritas.

Sapienza, B. T. (2004) *Conversa sobre terapia*. São Paulo: EDUC, Paulus.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Ágnes Cristina da Silva Pala – 34%

Rose Mary da Costa Rosa Andrade Silva – 33%

Eliane Ramos Pereira – 33%